

Amsterdã: uma casa, múltiplas vozes, várias nacionalidades e o conteúdo da geladeira

Carla Pires Vieira da Rocha¹⁹³

A alimentação não é somente um elemento vital, mas um fenômeno de dimensões física e simbólica que está ligado à maneira de estarmos no mundo e de nos relacionarmos com o mundo (Lucy Giard, 2011; Sidney Mintz, 2001), demarcando também identidades e diferenças (Mary Douglas, 1976; Klaas Woortman, 1977; Richard Wilk, 1999).¹⁹⁴ Essas considerações assumem uma relevância ainda maior ao voltamos o olhar para a alimentação em contexto migratório. Quando imigrantes se encontram em ambientes sensoriais e culturais desconhecidos, comer é um componente inevitável da vida cotidiana que os obriga “a interagir física, emocional e cognitivamente com a alteridade circundante” (Fabio Parasecoli, 2014, p. 420). Em tal condição, os alimentos podem adquirir significados variados, constituindo estranhamentos, barreiras ou então se tornando um meio que favorece a inserção no novo contexto.

¹⁹³ Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, é pós-doutoranda em Ciências Humanas pela mesma instituição. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

¹⁹⁴ Conforme também explica Rial (2003), quando constituída como cozinha organizada, a alimentação passa a ser um símbolo de uma identidade atribuída e reivindicada, por meio da qual indivíduos podem se orientar e se distinguir, implicando, ainda, formas de perceber e expressar modos ou estilos de vida. Nesta medida, assim como sinaliza pertencimento, a comida ainda atua como um código de reconhecimento social.

A alimentação também é um meio pelo qual imigrantes conseguem manter seu sustento, seja abrindo restaurantes e comércios voltados para a comida de seu país de origem ou então trabalhando em alguma outra função relacionada ao campo alimentar (plantações, funções diversas em cozinhas, comércios etc.). A comida, portanto, pode ser vista como um indicador do grau de interação de imigrantes com o novo contexto, o que também pode revelar em que medida imigrantes participam na vida social da sociedade de destino (Schnapper, 1991). Conforme nota Parasecoli (2014), a menos que imigrantes se encontrem solitários e se abstenham de qualquer contato, o processo de adaptação à nova terra é algo compartilhado, influenciado e construído por meio de interações, seja através da família, amigos ou outros membros que fazem parte daquele círculo. Além disso, se levarmos em conta o mundo de hoje, no qual a intensificação das trocas globais e intercâmbios se dá, muitas vezes, de maneira assimétrica, acirrando as desigualdades e diferenças, a comida pode atuar como um eixo de conexão, favorecendo a partilha de experiências e a comunicação entre diferentes indivíduos ou grupos culturais.

Paralelamente, aceder a determinadas comidas, incluindo aquelas que reportem a uma certa memória, pode contribuir para que se aliviem angústias causadas pelas contingências relativas à exposição constante a novos ambientes e as perturbações que isso também pode representar.¹⁹⁵ Semelhante ao que ocorre com o idioma, a comida é um meio de se manter alguma forma de ligação com o país de origem. Como já havia observado Câmara Cascudo (2004, p. 41): “O alimento é um fixador psicológico no plano emocional [...]. Comer certos pratos é ligar-se ao local do produto.”¹⁹⁶ Assim como o ato de migrar é desencadeado por diferentes motivações, a alimentação em tal condição está sujeita a modificações diversas e

¹⁹⁵ Um aprofundamento no enfoque da relação entre comida e memória pode ser encontrado em: SUTTON, David E. *Remembrance of Repasts: An Anthropology of Food and Memory*. Oxford: Berg, 2001.

¹⁹⁶ Nessa mesma perspectiva, a noção de comida conforto pode ser referenciada para explicar o consumo de determinados alimentos como meio para se gerir diferentes emoções.

acentuadas, seja em decorrência da dificuldade de acesso a certos alimentos anteriormente consumidos (em razão da escassez ou do preço) ou então da exposição a novos alimentos e, correlativamente, ao grau de abertura para incorporá-los. No passado, mudar de país significava que a alimentação forçosamente deveria se restringir em grande parte à oferta de alimentos que o ambiente local produzia. Ao longo do tempo, esse panorama sofreu modificações profundas. Na mesma medida em que a intensificação dos processos de globalização facilitou a maior circulação de indivíduos ao redor do mundo, configurando paisagens étnicas (Arjun Appadurai, 1990)¹⁹⁷ e alterando até mesmo a natureza das migrações, alimentos, ideias, imagens e discursos relacionados à alimentação ganharam maior mobilidade em escala global, provocando não apenas a reformulação de dietas nos mais variados contextos, mas também a maneira pela qual nos relacionamos com a comida e, conseqüentemente, com o mundo a partir da comida.

Partindo dessas considerações, no ano de 2015, como parte de um estágio de doutorado sanduíche na Holanda, realizei uma pesquisa com indivíduos que haviam migrado para Amsterdã, em períodos distintos.¹⁹⁸ O intuito da pesquisa foi compreender como os processos relacionados à globalização vêm afetando práticas alimentares de indivíduos em condição migratória, em que medida a alimentação desses indivíduos apresentava

¹⁹⁷ Appadurai (1990) sinaliza um caminho para se compreender a globalização em suas dimensões culturais, defendendo que a nova economia cultural global deve ser pensada como uma ordem complexa, repleta de justaposições e relacionada a certas deslocamentos fundamentais entre a economia, a cultura e a política. O autor propõe explorar tais deslocamentos, por meio da relação entre cinco planos ou dimensões de fluxos culturais globais: Paisagens étnicas (ethnoscapes), Paisagens tecnológicas (technoscapes), Paisagens financeiras (financialscapes), Paisagens midiáticas (mediascapes), Paisagens ideológicas (ideascapes). Ver: APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In: WILLIAMS, Patrick, CHRISMAN, Laura. *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. N.Y.: Columbia University Press, 1990. p. 324–339.

¹⁹⁸ Ver: ROCHA, Carla Pires Vieira da. *Comida em uma cidade global: práticas alimentares de imigrantes transnacionais em Amsterdã*. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

permanências ou mudanças e o que isso podia revelar a respeito da alimentação em situação migratória, considerando o contexto dessa cidade.

Levando especialmente em conta que as práticas relacionadas à alimentação não se resumem à ingestão de alimentos, o fato de que o panorama alimentar global vem passando por vultosas transformações e também as particularidades do contexto de Amsterdã, sobretudo no que concerne a como os processos associados à globalização vêm se materializando nessa cidade, ao longo da investigação fui ajustando ferramentas metodológicas que me permitissem contornar as indagações centrais da pesquisa, já que as respostas não provinham somente de uma fonte.¹⁹⁹ Essas respostas encontrei na paisagem alimentar da cidade Amsterdã, nos relatos e práticas ligadas à comida de indivíduos que representavam parte das múltiplas vozes e várias nacionalidades que demarcavam essa cidade a partir casa em que residi, na qual as portas que se abriram me possibilitaram vislumbrar um horizonte bem mais amplo que o conteúdo da geladeira.

A casa e a paisagem alimentar de Amsterdã — uma cidade global

Morar em outro país, inevitavelmente, implica reformulações no cotidiano. Dada a variedade de motivações para se emigrar, não se pode afirmar

¹⁹⁹ Amsterdã é também um dos principais centros financeiros da Europa, consistindo em um polo importante tanto em termos de globalização da economia quanto de outros processos de âmbito global que ali assumem formas concretas e localizadas. Tomando como parâmetro a concepção de Sassen (2010), essa capital pode ser enquadrada como uma *cidade global*, visto pertencer a um campo de cidades mais facilmente acessível por meio das finanças (dinheiro), comunicações (viagens) e informação (radiodifusão, publicações, mídia).

que esse movimento é sempre precedido de um planejamento.²⁰⁰ Mais da metade dos indivíduos que integraram a pesquisa emigrou para a cidade partindo de um projeto migratório individualizado, envolvendo principalmente questões laborais. Hoje, dentro da Europa, a cidade de Amsterdã é considerada um dos locais mais privilegiados nesse sentido. No entanto, es- tudo, turismo, fatores culturais ou mesmo questões afetivas foram também apontados como motivações que desencadearam os seus deslocamentos.²⁰¹ Em alguns casos, a decisão de permanecer na cidade ocorreu sem ter havi- do necessariamente um planejamento prévio. Além disso, para alguns des- ses sujeitos, a emigração para essa capital consistiu em dar continuidade à experiência migratória ocorrida em um ou mais países.

Meu plano de residir na Holanda estava atrelado à realização da pes- quisa de doutorado, que incluía trabalho de campo etnográfico. Portanto, além do projeto de pesquisa em mãos, deveria seguir alguns passos para concretizá-lo, o que incluía encontrar uma moradia, compreender algu- mas dinâmicas do contexto da cidade, correlativas ao tema da pesquisa, em especial no que se refere à alimentação, e, principalmente, buscar aqueles

²⁰⁰ Os deslocamentos internacionais em vigor têm sido objeto de crescente atenção dada a sua diversidade, novos significados e implicações, em especial no que se refere aos seus vínculos com a globalização e decorrente intensificação dos processos transnacionais (Sassen, 1998, 2010; Glick Schiller *et al.*, 1995; Vertonec, 2006). O implemen- to tecnológico nas áreas da comunicação e transportes e o menor custo desses serviços e pro- dutos, com relação a períodos anteriores, têm favorecido os deslocamentos atuais. Esse painel também é visto pelas lentes da reestruturação do capitalismo e, portanto, como determinante para a integração das diferentes partes do mundo em um sistema único de produção, investimento, comunicação, coordenação, pessoal, produção e distribui- ção (Sassen, 1994). A mesma fase é associada a uma reelaboração de significado das fronteiras nacionais, no que tange à produção e distribuição de objetos, ideias e pessoas (Appadurai, 1990; Glick Schiller *et al.*, 1995; Hannerz, 2015).

²⁰¹ À medida que se tem tornado mais viável a circulação de pessoas e diferentes moda- lidades de deslocamentos, vêm ganhando também proeminência projetos migratórios individualizados e com forte ênfase nas dimensões culturais da migração. Neste viés, a reflexão também recai sobre a imigração como um processo não necessariamente ne- gativo e dramático, mas também como possibilidade de se construir novas subjetivida- des (Alex Vailati; Carmen Rial, 2016).

sujeitos que estariam dispostos a contribuir com a investigação, compartilhando suas experiências relacionadas à comida.

Deixei o Brasil já ciente de que a ideia de residir nas acomodações do *campus* da universidade (Vrije Universiteit Amsterdam)²⁰² teria de ser postergada em razão da alta ocupação à época. Quando cheguei em Amsterdã, estava certa de que encontraria uma moradia facilmente, mas aconteceu justamente o contrário. A cidade já revelava suas particularidades, como a pouca oferta de imóveis de baixo custo, o que também era explicado pelos fluxos migratórios constantes para aquele centro urbano.²⁰³ Depois de alguns dias de intensa procura e pouco sucesso, encontrei um quarto através de um *website* de aluguéis informal na casa de uma jamaicana, que residia havia onze anos na cidade. Além dela, ainda moravam no local outras duas mulheres — uma de nacionalidade argentina, e outra que, apesar de ter nascido na Holanda, havia emigrado para diferentes países quando ainda era criança, retornando para Amsterdã somente na idade adulta, depois de ter vivido os últimos dez anos na Malásia. Dois meses após minha chegada, aquela de nacionalidade argentina deixou a residência, dando lugar a uma austríaca.

O relato sobre a dificuldade inicial com relação à moradia em Amsterdã seria insignificante e talvez descontextualizado, não fosse o fato do campo de minha pesquisa ter adquirido um contorno decisivo a partir dessa casa em que passei a residir. Compartilhar a moradia com outros indivíduos em Amsterdã não havia sido cogitado em meu plano inicial, resultava do

²⁰² Universidade Livre de Amsterdã.

²⁰³ Amsterdã é a cidade mais populosa dos Países Baixos e é também a capital de um dos países com maior densidade populacional da Europa. Isso afeta o panorama imobiliário. Além da oferta restrita e pouco diversificada, comparativamente a demais cidades nos arredores e mesmo em outros países europeus, os valores de aluguéis são considerados elevados, particularmente para quem ainda não tem uma fonte de renda compatível com a manutenção de uma residência em sua totalidade. Por essa razão, é bastante usual alugar um imóvel com outros imigrantes ou então alugar quartos em residências, cujo locador pode ser um local ou então um outro imigrante, em geral estabelecido há mais tempo nessa capital.

acaso. Contudo, residir e conviver naquela casa, acima de tudo, se transformou em uma oportunidade de observar de maneira bastante próxima o cotidiano de indivíduos em condição migratória.²⁰⁴ Podia acompanhar como geriam suas práticas relacionadas à alimentação, tanto no ambiente da casa como, de certa forma, no contexto mais amplo da cidade, e também a maneira pela qual a comida se articulava inclusive aos seus projetos migratórios, de como os integrava e qual a sua importância na constituição dos estilos de vida daqueles sujeitos na cidade.²⁰⁵ A chance de observar e participar dessa dinâmica foi, portanto, decisiva para que eu passasse a perceber aquela casa não apenas um ponto de partida, mas um campo de pesquisa absolutamente fecundo, a ponto de provocar a reformulação da ideia inicial de considerar como foco de atenção somente imigrantes do Brasil e ampliar

²⁰⁴ Como explica Chizzotti (2006), a etnografia caracteriza-se pela descrição ou reconstrução de mundos culturais de pequenos grupos, quando se pretende fazer um registro detalhado de fenômenos singulares, visando recriar crenças, descrever práticas, revelar comportamentos, interpretar significados e ocorrências nas interações sociais entre os membros do grupo em estudo. Para tanto, o pesquisador permanece em campo envolvido na vida cotidiana dos membros de uma comunidade ou grupo, compartilhando de suas práticas, hábitos, rituais e concepções. Esse contato próximo permite alcançar um conhecimento íntimo e amplo do grupo, apreendendo não só o que ocorre em um local, mas também como esse local é visto, construído e utilizado pelos membros do grupo nas atividades habituais do dia a dia.

²⁰⁵ Nesta ótica, a etnografia foi fundamental, consistindo em um caminho para buscar sentido nas ações relacionadas à comida daqueles indivíduos em seu próprio tempo e espaço (Ray, 2004), isto é, dentro do contexto de suas experiências vividas (O'Really, 2012).

o escopo para incluir indivíduos provindos de outros países, cujos deslocamentos eram demarcados pela transnacionalidade.²⁰⁶

Se, de início, o trabalho de campo incidiu na observação das práticas alimentares cotidianas das imigrantes que viviam naquela moradia (o que e como cozinham) e suas tomadas alimentares, em momento posterior, passou a incluir os locais onde compravam seus itens alimentares ou, eventualmente, faziam refeições, isto é, a paisagem alimentar do bairro e também da cidade. Uma das metas da pesquisa consistia em identificar as razões pelas quais esses indivíduos elegiam determinados estabelecimentos para comprar seus mantimentos em detrimento de outros e como isso poderia

²⁰⁶ Assim como a intensificação de diferentes fluxos (ideias, imagens, pessoas, mercadorias, capital) vem configurando o período atual da globalização (Appadurai, 1990, 1996; Hannerz, 2014, 2015), o aprimoramento de conexões transnacionais entre grupos sociais também tem representado uma manifestação chave do mesmo processo (Vertovek, 2009). Tais conexões podem ser mantidas de diversas formas: remessas de dinheiro e mercadorias, atividades de negócios, participação política, investimentos, viagens e também por meio da troca de ideias e comunicações. A manutenção de qualquer forma de contato com a família e membros do país de origem (e mesmo com migrantes em demais destinos), sobretudo por correspondência ou o envio de remessas monetárias, não é novidade. Conforme Glick Schiller (2007), o transnacionalismo não é um processo novo, já que esses laços sempre estiveram presentes nas migrações internacionais desde fins do século XIX. Porém, como chamam a atenção Basch *et al.* (1994) e Vertovek (2009), na atualidade, a construção e manutenção de interconexões transnacionais são favorecidas por uma ordem distinta daquela mantida pelas migrações passadas; o aumento na densidade, multiplicidade e importância de tais interconexões foi proporcionado e sustentado pelas transformações nas tecnologias de transporte e comunicação, cujos implemento e aprimoramento vêm facilitando progressivamente ligações mais próximas e imediatas com locais distantes. Nas palavras de Joppke e Morawska (2003, p. 20), embora não corresponda a um fenômeno novo na história das migrações internacionais, o transnacionalismo imigrante contemporâneo não é uma réplica exata do anterior, mas uma “configuração diferente de circunstâncias”.

indicar, de maneira mais ampla, quais fatores associados à globalização se refletiam nos seus hábitos de consumo.²⁰⁷

O conceito de paisagem alimentar foi fundamental para delinear a alimentação de indivíduos desterritorializados, particularmente por se referir a uma construção da dinâmica social que relaciona comida a lugares, pessoas, significados, processos materiais e práticas implicando um vínculo dinâmico entre cultura alimentar (gosto, significado) e materialidade alimentar (estrutura social, paisagem física, ecologia) (Josée Johnson; Shyone Baumann, 2015). Para fins deste texto, esse conceito é referenciado com o fim de contornar como os fluxos globais em torno da comida ganham ancoragem na (e a partir da) cidade de Amsterdã, isto é, como as dinâmicas globais que moldam o mundo dos alimentos e do comer se expressam naquele contexto. Os aportes relativos ao conceito de paisagem alimentar se baseiam sobretudo na tese de Appadurai (1990), quando explora as dinâmicas culturais da globalização — global/local — a partir da relação entre os fluxos culturais globais (scapes — pessoas, tecnologias, imagens, capital, ideias), evidenciando a imprevisibilidade na forma pela qual esses fluxos podem se configurar (Johnson e Baumann, 2015).

A casa estava localizada na parte leste de Amsterdã, no bairro Osdorp-Midden, área considerada um dos subúrbios da cidade. O bairro recebeu uma grande parcela de imigrantes entre as décadas de 1980 e 1990, mais especificamente da Turquia, Suriname e Marrocos.²⁰⁸ A presença de imigrantes desses países também se refletia em parte do panorama

²⁰⁷ Um exemplo dos fatores que orientava o consumo alimentar de alguns destes indivíduos, também associados à globalização, tinha relação com preocupações de cunho ambiental, manifestadas não somente por meio da crítica ao excesso de embalagens nos alimentos utilizadas em muitos desses estabelecimentos, mas também pela busca de alternativas que, em suas concepções, significassem consumo com menor impacto ambiental.

²⁰⁸ O movimento de imigrantes para o bairro foi estimulado pelo envelhecimento da população e por uma saída de indivíduos em melhores condições financeiras, principalmente famílias jovens com crianças, que buscaram habitações suburbanas mais novas e confortáveis fora da cidade (Ostendorf; Fortijn, 2006).

alimentar daquela área urbana. A partir da observação, foi possível perceber que, mesmo apresentando particularidades com relação às demais áreas da cidade, os traços principais desse bairro já apontavam para como se configurava de maneira mais ampla a paisagem alimentar de Amsterdã, considerando o universo de ofertas alimentares e locais de circulação de alimentos ali presentes, abrangendo desde pequenos e grandes mercados até feiras, eventos e ainda alguns comércios específicos voltados para atender sobretudo a demanda migratória.²⁰⁹

Conforme já acenado anteriormente, observar a configuração daquela paisagem alimentar consistia também em uma possibilidade de compreender em que medida e como essa paisagem refletia a conjuntura vigente de intensificação de fluxos em âmbito global, isto é, de como a globalização

²⁰⁹ Entre suas múltiplas possibilidades de provimento no campo alimentar, incluindo atender algumas populações imigrantes, o bairro contava com mercados turcos, padaria marroquina, açougues holandês e muçulmano, mercados surinameses, mercearias asiáticas, supermercados e também a presença de uma filial do Hema, cadeia de lojas das mais tradicionais da Holanda que igualmente oferta itens alimentares. Ainda compunham aquela área da cidade restaurantes com culinárias de outros países além da Holanda, entre os quais Suriname, China, Turquia e Líbano. Além disso, entre outros comércios diversos, sorveterias, confeitarias e cafeterias contribuíam para diversificar a oferta alimentar do bairro. Em anos mais recentes, mais particularmente na última década, houve algumas modificações mais expressivas nas ofertas alimentares daquele bairro. Redes transnacionais alimentares, como McDonald's, Subway e KFC (Kentucky Fried Chicken), somente em período bastante recente haviam chegado àquela região da cidade. A abertura dessas redes coincidiu com outras mudanças na dinâmica urbana de Amsterdã. Tais mudanças também podem ser associadas à conjuntura vigente de intensificação de fluxos em âmbito global e que se reflete de maneira muito significativa na cidade em sentido mais amplo, como a potencialização da sua *ethnoscape*, a presença de demais cadeias alimentares e empresas transnacionais e fluxos culturais de outra natureza.

se materializava naquele contexto.²¹⁰ Já o acompanhamento dos trajetos e circuitos de imigrantes naqueles nos comércios de alimentos, a maneira pela qual se relacionavam com a comida, tinha o intuito de encontrar pistas tanto de mudanças quanto de permanências relativas aos seus hábitos e práticas alimentares. Considerando que alimentos ganham significados distintos, à medida em que são apropriada pelos diferentes atores sociais, contornar como imigrantes se apropriavam da paisagem alimentar de Amsterdã consistia ainda em uma possibilidade de depreender os significados a ela atribuídos pelos sujeitos em questão.²¹¹

²¹⁰ Afora os supermercados do bairro, a partir dos pequenos mercados ou mercearias, também pude acompanhar como se delineiam os circuitos (Magnani, 2000) relativos à comida voltada à imigrantes diversos. Já em outros bairros da cidade, frequentei comércios voltados para atender imigrações distintas, entre as quais a brasileira, por exemplo, representada por lojas como a Finalmente Brasil ou então a Brasil-Portugal. Enquanto a primeira comercializa uma gama variada de produtos alimentares importados essencialmente do Brasil, a segunda combina ofertas de Portugal com outras provenientes do Brasil, visando atender ambas as comunidades.

²¹¹ Conforme é característico dessa modalidade de entrevista, havia algumas perguntas predeterminadas de acordo com o tópico geral relativo ao tema, como as mencionadas mais acima, a fim de obter respostas mais precisas para alguns critérios, tanto no que envolvia a alimentação — acima de tudo, mudanças e permanências — quanto o movimento migratório. No entanto, a proposta incluía flexibilidade e espaço para explorar novas ideias a partir de tópicos surgidos no momento da entrevista. Em diversas situações, as respostas às questões propostas desencadeavam novas questões. Dessa forma, à medida que as entrevistas avançavam, questões levantadas por alguns dos entrevistados foram retomadas posteriormente com outros imigrantes, no sentido de viabilizar mais amplas possibilidades para contornarem suas concepções a respeito da alimentação, além daquelas previstas no roteiro inicial, o que também dava margem para que incluíssem perspectivas ligadas às suas concepções de estilos de vida, visões de mundo e outras experiências que ressoavam em sua alimentação. Seguindo as diretrizes de O'Really (2012) sobre a condução de entrevistas, a ideia consistia antes em tentar aprender sobre os sujeitos a partir da sua própria perspectiva do que impor uma linha rígida de questionamento sobre eles, estimulando assim a reflexividade e concedendo tempo para que mergulhassem em seus pensamentos, expressassem opiniões ou mesmo suas dúvidas.

Múltiplas vozes, várias nacionalidades

No primeiro dia em que passei a residir na casa em Amsterdã, conversei com Lys (a locadora do imóvel) sobre minha pesquisa, o que a estimulou a me propor um passeio pelo bairro para me mostrar as ofertas alimentares disponíveis. Depois disso, mostrou-me um livro produzido no país contendo as histórias de vida de sujeitos que haviam imigrado para a cidade e adquirido cidadania holandesa no ano de 2007. Eram homens e mulheres de variadas nacionalidades (Venezuela, Coreia do Sul, Gana, Iraque, Escócia, Indonésia, Afeganistão, Marrocos, Jamaica, Iran, Bósnia, Nigéria, Brasil, Vietnã, Argentina, Turquia, Azerbaijão, Israel, Suriname, Tanzânia). As histórias de vida desses indivíduos eram contadas por meio de textos, fotografias e receitas de pratos representativos da culinária do respectivo país de nascimento. Um dos capítulos era dedicado à história de Lys, e as imagens retratavam-na preparando *dumplings* com bacalhau e peixe frito, prato escolhido por ela como referência culinária da Jamaica, seu país de origem.²¹²

Mesmo que representasse uma parcela ínfima da diversidade migratória que demarca Amsterdã, aquele grupo retratado no livro já fornecia uma ideia da paisagem de indivíduos que configura aquela cidade e, consequentemente, fornecia pistas sobre a sua paisagem alimentar. Além disso, indicava que, na mesma medida em que há comunidades de imigrantes mais homogêneas em Amsterdã, há também grupos fragmentados de diversos indivíduos com origens distintas. Embora a maior parte daqueles sujeitos não integrasse diretamente a pesquisa, suas histórias de vida contadas naquele livro e atravessadas por aspectos da sua alimentação foram também fundamentais para que eu começasse a vislumbrar outras perspectivas, sobretudo no que se refere à revisão do grupo enfocado mencionada, até então reduzido a imigrantes provindos do Brasil.²¹³

²¹² *Dumpling* é um pequeno bolo preparado a base de farinha.

²¹³ Além de Lys, integrou a pesquisa uma imigrante proveniente da Venezuela, cuja história de vida era também retratada no livro referido.

Entretanto, a mudança de foco relativa aos sujeitos da pesquisa, a princípio, significava um certo desafio. Isso porque a maior parte dos estudos sobre alimentação e imigração em um determinado contexto era predominantemente direcionada para grupos de uma nacionalidade específica. Voltar o olhar para a diversidade migratória em questão não implicava apenas revisar a interlocução entre hábitos individuais e de grupo frente as transformações sociais vigentes, mas, acima de tudo, reificar que hábitos alimentares não podem ser agrupados em uma mesma categoria. Afora dependerem de muitos fatores (preferências, valores pessoais e culturais, crenças etc.), os hábitos alimentares, do mesmo modo que podem apresentar semelhanças, podem variar de uma pessoa para a outra até mesmo dentro de uma mesma família (Alan Warde, 1997).²¹⁴ E, particularmente no caso de imigrantes, esses hábitos ainda podem sofrer variadas formas de modificação no decorrer de demais experiências migratórias adquiridas²¹⁵.

Portanto, investigar a alimentação de indivíduos de diferentes países, em um primeiro momento, significava abrir mão de formulações e direcionamentos anteriores. Por um lado, essa alteração de percurso reiterava o fato de que a pesquisa também está sujeita a contingências, imprevistos ou *acasos*, nos termos de Peirano (2018) e Becker (2018). Por outro lado,

²¹⁴ A respeito das mudanças mais amplas relacionadas à alimentação ver: FISCHER, Claude. "A Mcdonaldização dos costumes". In: Flandrin, J. L.; Montantari, M. *História da alimentação*. São Paulo. Estação Liberdade, 1998, p. 841–862. ALBALA, Ken. Comendo na pós-modernidade: como o comprar, o cozinhar e o comer estão se transformando na era digital. *Estudos Sociedade e Agricultura*. Seção Temática Comida e Alimentação na Sociedade Contemporânea, v. 25, n. 2, jun.–set. 2017, p. 238–250. FISCHLER, Claude. Introduction. Is Sharing Meals a Thing of the Past? In: FISCHLER, Claude (Ed.). *Selective eating: the rise, meaning and sense of personal dietary requirements*. Paris: Odile Jacob, 2015, p. 15–31. FISCHLER, Claude. *El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo*. Barcelona: Anagrama, 1995. POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologia da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

²¹⁵ Além disso, no âmbito de alguns particularismos nacionais, a noção mesma de refeição varia entre países (Poulain, 2004). Na Holanda, por exemplo, o almoço é comumente constituído principalmente de sanduíches, frutas ou saladas. Já o jantar, considerado a principal refeição, geralmente consiste em refeições mais elaboradas.

como nos lembra Silva (2009), a respeito da pesquisa etnográfica, “o campo é também um território demarcado, com limites que impõem múltiplos significados aos percursos trilhados ou possíveis e muitas fronteiras, zonas de transição, ambiguidade”. A mudança de foco implicava correr o risco de enfrentar dificuldades em articular múltiplas questões que poderiam emergir no decorrer da investigação, considerando a possibilidade desses indivíduos manterem hábitos e comportamentos alimentares absolutamente distintos, sobretudo pelo fato de provirem de contextos muito diversos. Ao mesmo tempo, abordar as práticas alimentares de imigrantes de várias nacionalidades envolvia considerar a própria complexidade do fenômeno alimentar em suas diferentes dimensões, vista sob o impacto mais amplo das transformações sociais e culturais decorrentes do período atual da globalização. Em tal perspectiva, é importante lembrar que os hábitos alimentares vêm sendo constantemente modificados ao redor do mundo não somente pelos processos migratórios, mas também em decorrência da desterritorialização alimentar provocada pela globalização, o que também se refletia no país de origem desses indivíduos desde antes da sua emigração. Mesmo ocorrendo em proporções diferenciadas, além do maior fluxo de alimentos, dietas, receitas e cozinhas, noções de gosto também têm sido transformadas ao redor do mundo (Arjun Appadurai, 1990).

A seleção dos sujeitos que integraram a investigação ocorreu de duas maneiras. A primeira englobou imigrantes com quem residi, as quais, por sua vez, me indicaram indivíduos de seus círculos sociais, que também se enquadravam na categoria migrante. A segunda maneira foi ocasional, isto é, alguns sujeitos que encontrei em circunstâncias diversas, em que se oportunizaram um ou mais contatos posteriores, incluindo a realização de

entrevistas.²¹⁶ Foram realizadas 23 entrevistas semiestruturadas com homens e mulheres de idades entre 21 e 54 anos de diferentes países (Brasil, Jamaica, França, Suíça, Alemanha, Costa do Marfim, Espanha, Curaçao, Itália, Venezuela, Portugal, Rússia e Áustria).²¹⁷ O período de permanência desses indivíduos na cidade, à data da entrevista, variava de 2 meses a 27 anos.²¹⁸ Quando emigraram, esses sujeitos, mesmo que em forma de esboço, traçaram projetos de vida para o novo país.²¹⁹ Tais projetos abarcaram expectativas com relação a este ambiente, incluindo as relativas à alimentação. Levando isso em conta, me interessava também compreender até que ponto a comida integrava seus projetos migratórios, em que medida havia sido foco de expectativas com relação ao novo contexto. Para isso, não deveria perder de vista que tanto projetos migratórios como as expectativas que deles decorrem estão condicionados às particularidades do deslocamento, ao destino migratório.

²¹⁶ Além das entrevistas, também ocorreram conversas informais com indivíduos que se deslocaram para a cidade em modalidades temporárias e que, portanto, não se enquadravam em uma migração convencional, como foi o caso de alguns estudantes. Mas apesar de não envolverem um projeto de fixação na cidade, relatos de suas experiências com a alimentação em Amsterdã também colaboraram para a reflexão e formulação de novos questionamentos em torno do tema.

²¹⁷ Todas as entrevistas foram gravadas e o tempo de duração variou entre uma e duas horas.

²¹⁸ No que se refere à permanência em Amsterdã, à data da entrevista, nove dos sujeitos residiam havia um período igual ou superior a dez anos; dois residiam entre três e quatro anos, três entre um e dois anos, e oito há menos de um ano. Já com relação ao projeto migratório, dois desses indivíduos emigraram com os pais quando ainda eram adolescentes, significando que não deliberaram sobre seus deslocamentos. Dois emigraram com a família (casal e filho/s), e o restante emigrou em um projeto individualizado, ainda que parte desses sujeitos tenha constituído família ou relação afetiva estável, depois de já estarem residindo em Amsterdã. Entre estes, quatro tiveram filhos após seu estabelecimento nessa cidade.

²¹⁹ A noção de projeto migratório foi concebida nesta pesquisa como um projeto de vida, nos termos de Velho (2003), que previa um tempo de permanência na cidade, ainda que sujeito a reelaborações. Para Velho (2003, p. 101), o projeto de vida é visto como o estabelecimento de objetivos e fins, assim como a organização dos meios através dos quais se constrói uma trajetória e uma biografia.

Inicialmente, as entrevistas englobaram algumas questões gerais, como ano de imigração, profissão, fonte de renda, estrutura familiar (se o movimento havia sido individual ou incluía outros membros da família ou grupo), nível educacional, motivos para emigrar e o porquê da escolha de Amsterdã como destino. Em um segundo momento, eram direcionadas a questões mais específicas sobre alimentação, abarcando os significados que esses indivíduos atribuíam à comida, se cozinhavam e por qual razão, quais preferências alimentares, o que priorizam em suas escolhas alimentares, onde compravam os itens alimentares, como se relacionavam com a oferta alimentar da cidade, se tinham restrições alimentares, o que havia mudado em sua alimentação, o que permanecia e as razões para tais mudanças ou permanências.²²⁰

A busca de respostas para a pesquisa também incluiu observar a intensificação de outros fluxos de caráter global relacionados à comida. Levando isso em conta, algumas mídias sociais, mais particularmente páginas do Facebook e mensagens de *WhatsApp*, foram tomadas como parte do campo de pesquisa e fontes de dados significativas, com relação à parcela desses sujeitos

²²⁰ Embora não tenha me valido exatamente da mesma metodologia utilizada por Poulain *et al.* (2014), as entrevistas abarcaram a busca de dados relativos especialmente a normas sociais, ou seja, a um conjunto de diretrizes relativo ao consumo de alimentos que estão enraizadas em tradições culturais, sociais e familiares, ou seja, que resultam da socialização específica de um indivíduo e também sofrem o impacto de certos discursos como, por exemplo, aqueles prevaletentes sobretudo nas mídias de comunicação. Conjuntamente, também foram buscados dados relacionados às práticas reais dos indivíduos em seu cotidiano, em especial por meio da observação. Segundo Poulain *et al.* (2014), a capacidade de distinguir entre normas e práticas permite uma compreensão mais profunda da transformação dos hábitos alimentares.

que mantinham suas práticas comunicativas através de tais meios.²²¹ A justificativa para considerar essas mídias também reside no fato de que a internet é hoje parte integrante da nossa experiência, um lugar onde hoje muitos de nós passamos grande parte do tempo de nossas vidas (Daniel Miller *et al.*, 2016).²²² Em paralelo à utilização das fontes referidas, a captura de imagens fotográficas também integrou a pesquisa de campo realizada.²²³

²²¹ Os recursos metodológicos utilizados para análise dos sites basearam-se na etnografia virtual. Para a coleta de dados, foram observados os textos, relatos, imagens e comentários presentes em algumas dessas páginas. A seleção dos tópicos teve como critério essencialmente a temática da comida. A utilização da etnografia virtual vai ao encontro da concepção de internet como um contexto cultural que abarca não apenas interações sociais, mas também demarca práticas e significados. A etnografia virtual é definida por Hine (2003) como uma etnografia sobre internet, construída na internet e que pode ser parcialmente concebida como uma resposta adaptativa e muito mais comprometida com as relações e conexões do que com o local, quando definido o objeto de pesquisa. Segundo a mesma autora, essa modalidade de etnografia é adequada para se explorar relações de interação mediada, mesmo quando estas não constituem a coisa real em termos metodologicamente puristas. Dessa forma, resulta em uma etnografia adaptativa que se estabelece adequando-se às condições em que se encontra.

15 Magnani (2000, p. 45) desenvolve o conceito de circuitos como: “[...] estabelecimentos, espaços e equipamentos característicos pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos seus usuários.”

²²² Miller *et al.* (2016), ao realizarem um estudo antropológico a partir da internet e das mídias sociais, ainda defendem o uso da etnografia nesse domínio, ao notarem que a abordagem da experiência dos indivíduos necessita ter um caráter holístico, uma vez que ninguém vive em apenas um contexto, de que tudo o que fazemos está relacionado e é parte integrante de nossas vidas.

²²³ Ao explorar o papel das imagens na pesquisa etnográfica, O'Really (2012) reporta a um dos enfoques comumente associados a este recurso, qual seja, o de que as imagens codificam dados sobre valores, normas e práticas que muitas vezes são inacessíveis de outra maneira.

O conteúdo da geladeira, fronteiras alimentares e mudanças

Antes de iniciar a pesquisa em Amsterdã, era guiada por teses sobre alimentação de migrantes indicando que hábitos alimentares relacionados ao país de origem seriam aqueles a subsistir por maior tempo, os que mais resistiriam ao abandono (Manoel Calvo, 1982; Bouly de Lesdain, 2002). Em paralelo, não perdia de vista a complexidade do fenômeno alimentar e suas possíveis ambiguidades. Como notou Sydnei Mintz (2001), até mesmo em sociedades vistas como extremamente conservadoras há uma disposição para se experimentar comidas radicalmente diferentes, sugerindo que os comportamentos relativos à comida abarcam, simultaneamente, tanto conservadorismos quanto mudanças.

Enquanto essas considerações orientavam minha busca para compreender como imigrantes transnacionais vinham se relacionando com a comida na cidade de Amsterdã, observava que o consumo alimentar, tanto no que se refere à continuidade de hábitos como a novas experiências nesse âmbito, além de estar atrelado às circunstâncias e possibilidades envolvidas em tal mobilidade, depende do contexto no qual ocorrem essas experiências. Por exemplo, como já aludido, uma das razões principais para a modificação dos hábitos alimentares em condição migratória é atribuída à dificuldade de acesso no país de destino a itens que integravam a dieta anteriormente. Entretanto, levando especialmente em conta a paisagem alimentar diversificada e globalizada de Amsterdã, foi necessário também revisar tal consideração relativa ao acesso alimentar. Conforme observa Warde (2009), ao mesmo tempo em que há diferentes maneiras para se definir, dar sentido e enfrentar a multiplicidade de possibilidades alimentares em vigor, sobretudo considerando os países mais desenvolvidos (como é o caso dos Países Baixos), os seus significados são dependentes do contexto onde a comida circula.

Inicialmente, busquei algumas estratégias no intuito de compreender como aquelas imigrantes de origens diversas lidavam com a alimentação

cotidiana, quais hábitos alimentares relacionados ao país de origem permaneciam, quais indicavam mudanças e como os fluxos de natureza global contribuía nesse sentido. Com isso em mente, lembrava a indicação de Calvo (1982), segundo a qual, se quisermos identificar o grau das modificações alimentares ou mesmo persistências associadas a hábitos anteriores à migração, devemos observar a geladeira de um imigrante. Entretanto, considerando que a alimentação desses sujeitos não se resumia ao conteúdo da geladeira, abrangendo pratos feitos com ingredientes relacionados à culinária de seu país natal e também de outras culinárias, incluindo ainda aqueles alimentos que poderiam ser enquadrados como etnicamente neutralizados (macarrão, pizza, arroz, pães etc.), como diria Mintz (2001), além desta, uma outra das estratégias consistiu em observar a dinâmica que ocorria nos armários da cozinha. Ao passo que indicavam hábitos cotidianos, ambos os espaços ainda revelavam alguns traços identitários relacionados à comida, materializados em temperos, cereais, grãos e uma gama de outros produtos que compunham aqueles estoques e também sinalizavam para a persistência em seu consumo. É importante lembrar que uma das razões para a permanência de hábitos alimentares em condição migratória é que, a comida pode contribuir para a recriar uma noção de *lar*, mesmo que no imaginário, promovendo assim um certo conforto, sobretudo em um ambiente de estranhamentos diversos.

Rigorosamente, não havia um número expressivo de itens em cada armário que pudesse fornecer maiores pistas sobre o país de origem de cada uma dessas imigrantes. Dos produtos estocados nos armários, salvo poucas exceções, a maior parte era quase totalmente comum a todas moradoras: azeite de oliva, creme para café, café, sal, canela, macarrão, mel, cereais, pimenta-preta, páprica, molho de tomates, arroz, entre outros alimentos não perecíveis, industrializados e encontrados na maior parte das cidades ao redor do mundo. Lys, por exemplo, era quem mais utilizava temperos picantes no prepara de suas refeições. Portanto, era sobretudo na observação de como alguns daqueles produtos ganhavam centralidade nas refeições, assim como a quantidade e o modo pelo qual outros ingredientes

eram combinados àqueles na hora do preparo das refeições, acima de tudo as carnes e os temperos, que podiam ser identificados tanto a permanência de hábitos como a incorporação de mudanças, incluindo aquelas resultantes de experiências migratórias anteriores. A modificação da dieta de imigrantes a partir da incorporação de novos sabores e técnicas pode ser considerada também um exemplo de como a difusão de alguns produtos e também práticas alimentares em escala transnacional vem dando causa à emergência de “novas formas alimentares resultantes do processo de mestiçagem cultural” (Poulain, 2006, p. 43).

De acordo com as entrevistas realizadas, embora alguns desses indivíduos, antes de emigrar (especialmente os que moravam com a família), mantivessem uma alimentação que poderia ser enquadrada como mais conservadora, em Amsterdã, abraçaram novos hábitos alimentares, incluindo sanduíches ou outras comidas consideradas mais leves (sopas, saladas, salgados, frutas etc.) como opções de almoço. Conforme já foi mencionado, mudanças na alimentação estão condicionadas a uma série de fatores, bem como ao estilo de vida mantido pelo indivíduo. Portanto, a compreensão da dinâmica relativa a mudanças e permanências na alimentação de imigrantes transnacionais em Amsterdã, levando em conta a conjuntura atual de globalização, além dos fatores mencionados, envolveu considerar questões relativas à moradia, se haviam passado por experiências migratórias anteriores, se detinham habilidades culinárias e ainda o grau de abertura para novas comidas. Além disso, também era observado se conviviam com indivíduos provenientes de outras *culturas alimentares*, considerando o fato de vários desses imigrantes compartilharem a moradia com outros de origens diversas e/ou viverem em relação de vizinhança imediata com outras comunidades imigrantes, o que favorecia a intensificação de mudanças

em seus hábitos alimentares.²²⁴ Não era raro esses indivíduos relatarem a incorporação de ingredientes à sua culinária por influência de indivíduos com quem compartilharam a residência em Amsterdã ou mesmo em outras cidades/países, onde viveram experiências migratórias anteriores.

Considerações finais

A partir da pesquisa voltada para a alimentação de imigrantes transnacionais na cidade de Amsterdã, Países Baixos, foi possível compreender como esses indivíduos vêm experienciando o impacto da globalização em suas práticas cotidianas relacionadas ao fenômeno alimentar. Considerando, sobretudo, que as práticas relativas à comida vão muito além da tomada alimentar e que a desterritorialização decorrente dos processos globais é cada vez menos restrita aos produtos alimentares, foi possível notar que a globalização vem reformulando de maneira profunda não apenas hábitos alimentares, mas também o que é pensado, criado e imaginado a partir da comida.²²⁵

A emigração é, muitas vezes, um caminho sem volta, e a alimentação pode consistir tanto em uma barreira quanto em uma porta de entrada — um elemento-chave que pode facilitar viver em um outro país, superar

²²⁴ Para fins deste texto, é considerada a perspectiva de Espeitx (2007, p. 155), para quem *cultura alimentar* pode ser definida como “[...] un complejo entramado social, tecnológico e cultural que establece como, con quién, que, cuando e porqué se come lo que se come en una determinada sociedad, y también que alimentos se obtienen o se producen, como se obtienen o producen y como si distribuyen. Efectivamente, la cultura alimentaria se desarrolla en el contexto de unas determinadas relaciones sociotécnicas de una sociedad con su entorno, y se fundamenta en el establecimiento de categorías, de sistemas de clasificación, sobre el cual se construye todo un edificio de normas, de reglas más o menos interiorizadas, pero en cualquier caso operativas, ya que definen los límites de lo posible y de lo pensable en este ámbito”.

²²⁵ Sobre a relação entre alimentação, globalização e imaginário a partir de pesquisa etnográfica ver: RIAL, Carmen. Os charmes dos fast-foods e a globalização cultural. *Rev. Antropologia em Primeira Mão*, n. 7, 1995; RIAL, Carmen. Fast-food: a nostalgia de uma estrutura perdida. *Horizontes Antropológicos*, n. 4, Porto Alegre, 2004.

adversidades, atuando até mesmo como um estímulo para a interculturalidade. Levar isso em conta pode ser um ponto de partida para se contornar possíveis dilemas no campo da pesquisa em alimentação e, especialmente, na sua interlocução com os estudos de migrações.

Referências

ALBALA, Ken. “Comendo na pós-modernidade: como o comprar, o cozinhar e o comer estão se transformando na era digital”. *Estudos Sociedade e Agricultura. Seção Temática Comida e Alimentação na Sociedade Contemporânea*, v. 25, n. 2, p. 238-250, jun.-set. 2017.

APPADURAI, Arjun. “Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy”. In: WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura. *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. N.Y.: Columbia University Press, 1990, p. 324- 339.

WILLIAMS, Patrick; CHRISMAN, Laura. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis, Minn.: University of Minnesota Press, 1996.

BASCH, Linda; SCHILLER, Nina Glick; SZANTON-BLANC, Cristina. *Nations Unbound: Transnational Projects and the Deterritorialized Nations-State*. New York: Gordon and Breach, 1994.

BECKER, Howard. S. “Foi por acaso: reflexões sobre a coincidência”. *Anuário Antropológico*, 18(1), p. 155-173, 2018.

BOULY DE DESLAIN, Sophie. “Alimentation et migration: une définition spatiale”. In: GARABUAU-MOUSSAOUI I., E; PALOMARES, D. Desjeux (Eds.). *Alimentations contemporaines*. Paris: L’Harmattan, 2002. p. 173-189,

CALVO, Manoel. “Migration et alimentation”. *Social Science Information*, v. 21, n. 3, 1982.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História da alimentação no Brasil*. 3. Ed. São Paulo: Global, 2004.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2006.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ESPEIX, Elena. “Los espacios turísticos del patrimonio alimentario”. In: JORDI, Juan i Tresserras; XAVIER MEDINA, F. (Eds.). *Patrimonio gastronómico y turismo cultural en el Mediterráneo*. Barcelona: IEMed, Ibertur, 2007, p. 153-174.

FISCHER, Claude. “A Mcdonaldização dos costumes”. In: FLANDRIN, Jean Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*. São Paulo. Estação Liberdade, 1998, p. 841-862.

MONTANARI, Massimo. *El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo*. Barcelona: Anagrama, 1995.

MONTANARI, Massimo. “Introduction. Is Sharing Meals a Thing of the Past?” In: FISCHLER, Claude (Ed.). *Selective Eating: the Rise, Meaning and Sense of Personal Dietary Requirements*. Paris: Odile Jacob, 2015, p. 15-31.

GIARD, Lucy. “Artes de nutrir”. In: GIARD, Lucy; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar*. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

GLICK SCHILLER, Nina; BASH, Linda; BLANC, Cristina. “From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration”. *Anthropological Quarterly*, v. 68, n. 1, p. 48-63, jan. 1995.

HANNERZ, Ulf. *Transnational Connections. Culture, People and Places*. Londres: SAGE, 1990, p. 237-251. Disponível em: <http://tcs.sagepub.com>. Acesso em: 15/02/2014.

HANNERZ, Ulf. “Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional”. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, Abr. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100001&lng=en&nrm=iso. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131997000100001>. 2014, 2015. Acesso em: 15/01/ 2015.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2003.

IGLIS, David; GIMLIN, Inglis. *The globalization of food*. New York: Berg, 2010, p. 3-42.

JONSTON, Josée; BAUMANN, Shyon; CAIRNS, Kate. “The Nacional and the Cosmopolitan in Cuisine: Constructing America through Gourmet Food Writing”. In: IGLIS, David; GIMLIN, Inglis. *The globalization of food*. New York: Berg, 2010, p. 161-185.

JONSTON, Josée; BAUMANN, Shyon. *Foodies: Democracy and Distinction in the Gourmet Foodscape*. 2. ed. New York: Routledge, 2015.

MAGNANI, José Guilherme C. “Quando o campo é a cidade: Fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, José Guilherme C; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2000.

MILLER, Daniel *et al.* *How the World Changed Social media*. London: UCL-PRESS, 2016. Disponível em: <http://discovery.ucl.ac.uk/1474805/1/How-the-World-Changed-Social-Media.pdf>. Acesso em: 14/12/2016.

MINTZ, Sidney. *Comida e Antropologia: uma breve revisão*. RBCS, 2001.

NUTZENADEL, Alexander; TRENTMANN, Frank. *Food and Globalization: Consumption, Markets and the Politics of the Modern World*. Oxford: Berg, 2008.

OSTENDORF, Wim; FORTIJN, Droogleever. “Amsterdam: Gender and Poverty”. In: MUSTARD, Sako; MURIE, Alan; KESTELOOT, Christian (Eds.). *Neighbourhoods of Poverty: Urban Social Exclusion and Integration in Europe*. New York: Palgran Macmillan, 2006, p. 52–66.

O'REILLY, Karen. *Ethnographic Methods*. New York: Routledge, 2012.

PARASECOLI, Fabio. “Food, Identity, and Cultural Reproduction”. *Immigrant Communities Social Research*, v. 81, n. 2, summer 2014.

PEIRANO, Marisa G. S. “Artimanhas do acaso”. *Anuário Antropológico*, 14(1), 2018, p. 9–21.

POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologia da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

POULAIN, Jean-Pierre; PROENÇA, Rossana P. C. “Reflexões metodológicas para o estudo das práticas alimentares”. *Revista Nutrição*, v. 16, n. 4, Campinas, out.–dez. 2003.

RAY, Krishnendu. *The Migrant's Table: Meals and Memories in Bengali-American Households*. Philadelphia: Temple University Press, 2004.

RIAL, Carmen. “Os charmes dos fast-foods e a globalização cultural”. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, n. 7, 1995.

RIAL, Carmen. “Brasil: Primeiros escritos sobre comida e identidade”. *Antropologia em primeira mão*, Florianópolis, v. 57, 2003, p. 4-22.

RIAL, Carmen. “Fast-food: a nostalgia de uma estrutura perdida”. *Horizontes Antropológicos*, n. 4, Porto Alegre, 2004.

ROCHA, Carla Pires Vieira da. *Comida em uma cidade global: práticas alimentares de imigrantes transnacionais em Amsterdã*. 2017, Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Nobel, 1998.

SASSEN, Saskia. *Sociologia da globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SCHNAPPER, Dominique. “L’intégration: définition sociologique”. *Migrants-Formation*, n. 86, 1991, p. 32-51.

SILVA, Hélio R. S. “A situação etnográfica: andar e ver”. *Horizontes Antropológicos*, 15 (32), dez. 2009.

SUTTON, David E. *Remembrance of Repasts: An Anthropology of Food and Memory*. Oxford: Berg, 2001.

VAILATI, Alex; RIAL, Carmen. *Migration of Rich Immigrants: Gender, Ethnicity and Class*. London: Palgrave MacMillan, 2016.

VERTOVEK, Steven. *Transnationalism*. New York: Routledge, 2009.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WARDE, Alan. *Consumption, Food and Taste*. London: Sage, 1997.

WARDE, Alan. “Globalization and the Challenge of Variety: A Comparison of Eating in Britain and France”. In: IGLIS, David; GIMLIN, Inglis. *The globalization of food*. New York: Berg, 2010, p. 227-242.

WILK, Richard. “Real Belizean Food: Building Local Identity in the Transnational Caribbean”. *American Anthropologist*, 101(2), 244-255, 1999.

WOORTMAN, Klaas. *Hábitos e ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda*. Relatório Final. Série Antropologia 20. Brasília: UnB, 1977, p. 42-98.